

O Brigadeiro de Infantaria e engenheiro prático João Massé: um herege ao serviço del Rey

Francisco José Corrêa-Martins

Departamento de Geociências – Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
correa_martins@ufrj.br

Resumo:

Há trezentos anos o Brigadeiro João Massé retornava para Portugal, após o fim de sua missão no Brasil. Chegando em 1713, enviado pelo Rey, após o saque realizado pelas forças do corsário francês René Duguay-Trouin na cidade do Rio de Janeiro em 1711, sua tarefa era examinar e reparar as fortificações, além de planejar outras que julgasse necessárias no Rio de Janeiro, Salvador e Recife, indo também, com a mesma finalidade à vila de Santos e à Cidade da Parahyba, atual João Pessoa. Assim, seu nome é citado com frequência nos documentos luso-brasileiros das primeiras décadas do século XVIII, referentes às questões de defesa, especialmente de fortificações. Porém, uma análise minuciosa da documentação mostra que ele não escreveu qualquer dos documentos que lhe são atribuídos, sendo rara sua assinatura. Com relação ao material cartográfico, nenhum deles apresenta menção expressa de autoria. Portanto, conclui-se que nenhuma das cartas ou plantas atribuídas ao João Massé foi por ele desenhada, sendo trabalho de seus auxiliares no Brasil. Mas João Massé tem outras facetas. Seu nome era Jean Destremau, nascido por volta de 1660 em Le Houga, no sudoeste da França, cedo ingressando na carreira militar. Sendo huguenote, emigrou para a Inglaterra, lutando como mercenário na Irlanda e em Flandres no final do século XVII. Com a eclosão da Guerra de Sucessão da Espanha, acompanhou às tropas enviadas por solicitação do soberano português, tendo se destacado na defesa do cerco de Campo Maior, onde seu tino como engenheiro prático se destacou. Estas foram as credenciais que recomendaram sua vinda para o Brasil. Após seu retorno, atuou como parecerista do Conselho Ultramarino, sendo em 1735 promovido a sargento-mór de batalha. Ele constituiu família e, até o fim de seus dias, vivendo em um Estado onde a Inquisição estava presente, não abjurou de sua fé protestante.

Palavras-chave:

Fortificações, Brasil, Cartografia Histórica, Exército Português, História Militar.

Abstract:

Three centuries ago, Brigadier João Massé returned to Portugal after the end of his mission in Brazil. He arrived in 1713, coming by order of the King, after the French privateers attack on Rio de Janeiro in 1711, to examine and repair the fortifications, and to plan others he deemed necessary in Rio, Salvador, and Recife, with the same purpose going to the village of Santos and the City of Parahyba, now João Pessoa. Thus, his name is often cited in the Luso-Brazilian documents of the first decades of the eighteenth century, concerning defense issues, especially fortifications. However, a thorough analysis of the documentation shows that he did not write any of the documents assigned to him, and his signature is rare. Regarding the cartographic material, none of them shows authorship. Therefore, it is concluded that none of the charts or plans attributed to João Massé was designed by him, being the work of his assistants in Brazil. But João Massé has other facets. His name was Jean Destremau, born around 1660 in Le Houga, in southwest France, early in his military career. Being a Huguenot, he emigrated to England, fighting as a mercenary in Ireland and Flanders in the late seventeenth century. With the outbreak of the Spanish War of Succession, he accompanied the troops sent at the request of the Portuguese sovereign, having excelled in defending the siege of Campo Maior, where his prowess as a practical engineer stood out. These were the credentials that recommended his coming to Brazil. Upon his return, he served as a consultant to the Conselho Ultramarino, and in 1735 was promoted to camp-marshal. He constituted a family and, until the end of his days, and living in a State where the Inquisition was present, did not abjure his Protestant faith.

Key words:

Fortifications, Brazil, Historical Cartography, Portuguese Army, Military History

Introdução

Na consulta aos documentos luso-brasileiros das primeiras décadas do século XVIII, referente às questões de defesa, especialmente de fortificações, um nome que aparece com frequência é o do Brigadeiro João Massé¹. Segundo a Carta Régia de 17 de junho de 1712, “por ser conveniente a meo serviço o fortificarse o estado do Brasil em forma que fique com toda a defesa necessaria”, Massé iria para as capitanias do Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco “para examinar e reparar as fortificações” existentes e “e fazer [sic] as maes que forem necessarias”² (VITERBO, 1904, p. 154).

Como consequência, é natural que seu nome e ações fossem referidos por aqueles que tenham examinado essas questões, seja do ponto de vista memorialístico ou acadêmico. Contudo, o que se ressalta nesses textos é a escassez de informações sobre esse personagem, gerando informações imprecisas, quando não contraditórias, como é o caso de sua nacionalidade.

Para os membros do Conselho Ultramarino em 1718, ele era francês³. Mas ele também foi considerado florentino (VILHENA, 1801, np), português (SOLOMON, 2003, p. 150) ou de origem “inglesa” (OLIVEIRA, 2004, p. 212⁴, 2011, p. 162).

Em consequência, esta pesquisa se desenvolveu buscando alcançar mais informações sobre João Massé, ao mesmo tempo em que os projetos de fortificações e documentos cartográficos atribuídos tradicionalmente ou não ao brigadeiro são aqui revistos, posto que, como já demonstrado em trabalho anterior, o Plano de Defesa do Rio de Janeiro e as plantas que eram considerados como obras suas, de fato não o eram⁵.

1. João Massé, aliás, Jean Destremau: oficial de infantaria, engenheiro prático e huguenote

Em uma obra referencial (VITERBO, 1904, p. 154)⁶, João Massé é identificado como “capitão de engenheiros [que] serviu no exercito aliado que marchou de Portugal sobre Madrid em defesa dos direitos e aspirações de Carlos III. Vemo-lo figurar em 1705 na rendição de Albuquerque, tendo vindo do sitio de Gibraltar”, indicando a respeito um livro sobre o Conde de “Galloway”. Este oficial-general, o Conde de Galway, recebera do soberano português a patente de

¹ A grafia do nome apresenta variações na documentação examinada, tais como João de Massé, Massé e João Macê, entre outras.

² Ou seja, ele não veio “à Colônia como especialista em castramentação (sic)”, como equivocadamente afirmou Felipe Eduardo Moreau (2007, p. 229). Partindo-se da definição de castramentação ou castrametação então vigente (BLUTEAU, 1712, V.2, p. 192), verifica-se que tal coisa era uma parte ínfima das tarefas de João Massé no Brasil.

³ Consulta do Conselho Ultramarino sobre a comunicação que fizera o Brigadeiro João Massé ..., 17 de janeiro de 1718. *Anais da Bibliotheca Nacional*, de ora em diante *An. Bibl. Nac.*, V.39, 1917, D. 3551, p. 86-87. – Arquivo Histórico Ultramarino – Conselho Ultramarino, de ora em diante AHU_CU_017-01, Cx. 17, D. 3551.

⁴ Deve-se registrar que a nota 173 feita por Mário Mendonça de Oliveira (2004, p. 138-139), foi transcrita de forma praticamente integral por Filipe Eduardo Moreau em sua nota 747 (2007, p. 229-230), mas sem indicar o fato devidamente.

⁵ A respeito, ver o trabalho de CORRÊA-MARTINS (2014).

⁶ Mas que contém equívocos, tal qual colocar João Massé em outra entrada, “582 - Mallé [sic] (João). Exerceu a engenharia no Brasil, no primeiro quartel do século XIX, tendo atingido o grau de brigadeiro” (VITERBO, 1904, p. 131-132). Tal equívoco é oriundo de ele ter reproduzido sem atenção a informação equivocada constante de um catálogo organizado por RAMIZ GALVÃO (1881, p. 241), onde “2413. - Planta Ydrografica da Bahia de Todos os Santos com a maior parte do seu reconcavo, tendo situada pouco dentro da sua entrada a Cidade do Salvador... Lisboa anno de 1802. Planta da Cidade da Bahia tal qual a elevou no tempo do Vice Reinado do Marquez de Angeja D. Pedro de Noronha, o Brigadeiro Engenheiro João Mallé. Prospecto da Cidade da Bahia, ou do Salvador, situada na costa do Brazil”. Grifos nossos.

mestre de campo general naquele mesmo ano, por indicação do embaixador extraordinário da Inglaterra (CHABY, 1872, V.3, p. 379)⁷.

Essa nomeação era consequência da aliança feita entre Portugal e a Inglaterra contra a Espanha e a França, na Guerra da Sucessão da Espanha, que previa o envio de tropa desde as ilhas britânicas para as terras lusitanas. Assim

Havendo o Embax.^o extra.^o de Inglaterra proposto os officiaes p.^ao meu exercito, e mais gente p.^ao trem de Artilharia⁸, na forma, q. he obrigado pello articulo 14 da liga, os quais vão declarados na lista junta: hey por bem de acceitalos e ordeno ao Cons.^o lhes mande passar as patentes, e nobramentos, conforme os seus postos Lix.^a 23 de Jan.^o 1705 – Com a rubrica de sua magestade. – P.^a O Cons.^o de Guerra

e na “Lista dos off.^{es} Inglezes, q. o Plenipotenciario de Inglaterra propôs em Virtude do Tratado, e S. mag.^e aceitou” aparece o nome de “Joaõ Masse” como um dos cinco “Ingenheiroz” enviados (CHABY, 1872, V.3, p. 391-392).

A partir destas transcrições, parece não haver dúvidas que Massé era inglês e engenheiro. Porém, as coisas não são tão simples como aparentam ser. O próprio Conde de Galway, não era inglês, mas francês, cujo nome de batismo era Henry de Massue, 2º Marquês de Ruvigny, e fora oficial-general nos exércitos de Luís XIV antes de passar para a Inglaterra⁹. E os sobrenomes dos outros engenheiros que então vieram junto com Massé, João Monclere, Jayme Pellit, Lucas Boitout e Pedro de Gualy aparentam ser também de origem francesa¹⁰. A explicação para que franceses estivessem lutando junto com os ingleses contra seus compatriotas, que estavam aliados aos espanhóis, é que eles eram refugiados religiosos¹¹, eram huguenotes. Para entendermos este ponto temos que voltar um pouco no tempo.

Segundo Gilles Destremau (2017), Jean Destremau, o nosso João Massé, nasceu em Le Houga, na região de Armagnac, no atual Departamento de Gers, sudoeste na França, por volta de 1666¹², e era filho de Mathieu Destremau, *sieur de Massé*, um pequeno proprietário de terras, e de Marthe de Sariac. Em 1688 há o registro de que Jean tinha o posto de *sous-lieutenant* no regimento de infantaria de Vivonne¹³. Pouco antes, em outubro de 1685, Luís XIV havia assi-

⁷ Claudio Bernardo Pereira de Chaby (1872, p. 379) registrou, equivocadamente, o nome do oficial-general como “Galvay”.

⁸ A expressão trem (*train*, em francês e inglês) era relacionada nos séculos XVII e XVIII, ao conjunto formado pelas peças de artilharia pesada e suas respectivas guarnições e transportes, empregadas nas operações de sítio de fortificações, bem as tropas de engenheiros sapadores, que tinham como missões, quando atacavam, destruir as muralhas inimigas através do trabalho de minagem, e, quando na defensiva, dificultar o avanço inimigo. A respeito, vide François-Alexandre Aubert de La Chesnaye Des Bois (1758, V1, p. 92, 96-106) e William Duane (1810, p. 694).

⁹ Para maiores esclarecimentos sobre Henry de Massue, 2º Marquês de Ruvigny, Visconde e Conde de Galway (ou Galloway), recomendamos David C. A. Agnew (1864). É evidente que, com sua passagem para à Inglaterra, Henry de Massue perdeu tanto suas propriedades na França, como seu título de nobreza lá.

¹⁰ Na relação, além de Massé, há outros 51 nomes, cujas funções ou especialidades deixam entrever que havia aqueles que são equivalentes aos oficiais nos dias atuais, enquanto outra parte, as relativas aos ofícios como o de ferreiro, serralheiro ou tanoeiro são claramente de praças, embora não sejam soldados. São o que, à época, eram denominados “oficiais inferiores”, e que hoje equivaleriam aos sargentos. Os nome e sobrenomes da lista indicam que eram ingleses, franceses, holandeses e germânicos (CHABY, 1872, V.3, p. 391-392).

¹¹ Mário de Mendonça Oliveira (2011, p. 162) pautou-se na sinopse do decreto de 23 de janeiro de 1705 (CHABY, 1872, V.3, p. 391) para afirmar que Massé era inglês, embora admitisse que “Pode ser até que fosse um exilado francês na Inglaterra, mas foi este país que indicou o seu nome a Portugal, destacando-o das fileiras do seu exército”, desconhecendo que os exércitos europeus tiveram, entre o século XVI e princípio do XIX, tropas militares de outras nações integrando suas forças.

¹² Gilles Destremau (2017) informa que a data de nascimento que apresentou é uma suposição, já que os registros foram destruídos.

¹³ DESTREMAU (2017). O posto é equivalente, no exército português, ao alferes, e no brasileiro, ao segundo-tenente. A idade de admissão de oficiais subalternos no exército francês na época, como nas demais forças europeias era bastante baixa, com alguns mal saindo da infância (CORRÊA-MARTINS, 2015, p. 289-290). Portanto, acreditamos que Jean Destremau, ou João Massé deve ter nascido na década de 1670.

nado o Edito de Fontainebleau, revogando assim Edito de Nantes, de 1598, onde o Rei Henrique IV, após uma série de conflitos entre católicos e protestantes, garantira por um lado que o catolicismo seria a religião do Estado francês, mas estabelecendo a liberdade de culto para os huguenotes. Com a revogação, reiniciaram-se as perseguições e violências contra os calvinistas franceses. De acordo com Samuel Smiles (1868, p. 230), cerca de meio milhão de huguenotes se exilaram nos Estados vizinhos, dos quais mais de 120.000, de todas as classes e condições buscaram refúgio na Inglaterra, que se beneficiou com a vinda, entre outros, de oficiais-generais, como o já citado Marquês de Ruvigny, além de outros oficiais e veteranos que haviam lutado em diversas campanhas no exército francês, sob o comando de Turenne (Jules Michelet *apud* AGNEW, 1871, p. 35), com destaque para o Marechal de Schomberg. E foi o caso também de Jean Destremau, que lá chegou em 1689 (DESTREMAU, 2017).

Esses militares franceses lutaram nos conflitos conhecidos como Levantes Jacobitas, apoiando Guilherme de Orange, tanto na Inglaterra como na Irlanda¹⁴, onde inclusive foram estabelecidas colônias para acolhê-los como refugiados, tal como Portarlinton, fundada por Ruvigny (LEE, 2001, p. 138 e 139). Mas outros permaneceram nas lides militares. Na revista feita ao regimento de infantaria do Major-General de la Melonière, em 14 de agosto de 1698, unidade constituída quase integralmente por franceses emigrados¹⁵, e que atuou como força inglesa na Irlanda e nas Flandres na década de 1690 está relacionado como tenente entre os "Oficiais reformados" um Masse¹⁶, um dos "Oficiais da França" ali listados (AGNEW, 1886, p. 86, 90-91). Ao que tudo indica, Jean Destremau mudou seu sobrenome para Massé¹⁷, talvez visando proteger os familiares que ficaram na França. E acreditamos que é ele que aparece relacionado, juntamente com mais de 500 nomes, em sua grande maioria franceses, em uma lista de pensionistas do soberano inglês na Irlanda, que entrou em vigor em 1º de maio de 1699, recebendo 1 shilling e 6 pennys por dia (SHAW, 1933, p. 144).

Outro aspecto que confirma ser este o João Massé é a presença de outro francês que foi com ele para Portugal como engenheiro, Lucas Boitout¹⁸, que aparece relacionado como integrante do *Royal Regiment of Artillery*, em 1º de maio de 1698, na função de *sub-engineer* (CLEAVELAND, 1892, p. 146).

Aliás, Christovam Ayres de Magalhães Sepulveda (1923, p. 277) não escapou dos equívocos sobre a nacionalidade daqueles engenheiros já que, no verbete sobre João Masse (sic), incluído entre os engenheiros "ingleses", ele escreveu somente que "Como se pode ver no que dissemos ao tratar de Lucas Boitout, foi-lhe mandado passar patente,

¹⁴ Brian G. Scott (2015, p. 208) reporta que, em 19 de julho de 1689, durante o cerco de Londonderry, na Irlanda, um projétil de canhão, disparado da cidade, causou a morte do "engineer Sieur de Massé", que atuava em apoio aos jacobitas contra os partidários de Guilherme de Orange. Tratava-se de Jean-François de Périgord de Macé (SAINT-ALLAIS, 1876, p. 242), e que não tem relação com João Massé. Vide a nota nº 17 adiante.

¹⁵ Naquele mesmo ano, quando se discutiu na Câmara dos Lordes sobre a desmobilização dos cinco regimentos franceses estacionados na Irlanda, verificou-se que seus efetivos somavam mais de 4.000 homens (AGNEW, 1864, p. 85).

¹⁶ Não há registro do nome.

¹⁷ Isto porque Massé, e as variantes Macé ou Massey, são referências a um local, mas essas expressões não se restringem apenas a uma parte da França. Sobre isso, vide os verbetes "Macé".

¹⁸ Segundo G. Parnell (1995 *apud* ANDERSON, 2013, p. 160), Lucas Boitout foi o primeiro desenhista contratado em caráter permanente pelo Board of Ordnance em janeiro de 1694, tendo como tarefa "construir, desenhar ou preparar cartas ou esboços ... tal como exigido e dirigido pelo Master[-General of Ordnance] ...ou [seus] oficiais de maior escalão". Tradução nossa.

juntamente com outros oficiais. Vid. Lucas Boitout¹⁹. Ocorre que aquele autor se esqueceu de inserir o verbete relativo ao Boitout, algo que passou despercebido, ao que parece, até agora¹⁹. O equívoco foi sanado anos depois quando foi publicado um volume somente com os engenheiros militares franceses ao serviço de Portugal²⁰, com verbetes contemplando Lucas Boitout (sic) e João Massay (sic), além dos oficiais citados e relacionados como engenheiros no já referido decreto de 23 de janeiro de 1705²¹.

De acordo com Whitworth Porter (1889, p. 118-119), após Portugal ter se aliado, entre outros, à Inglaterra, Áustria e Províncias Unidas por ocasião da Guerra da Sucessão espanhola, e atendendo a solicitação do rei, D. Pedro II, foi enviada uma força combinada anglo-holandesa de 28.000 homens. Nesse ínterim, a retirada do Duque de Schomberg, filho do marechal anteriormente mencionado, que se demitira do comando das forças portuguesas, permitiu ao embaixador extraordinário inglês já referido, que era John Methuen, o mesmo que negociara o “Tratado dos Panos e Vinhos” de 1703, sugerir que Galway assumisse as funções de Schomberg, o que foi aceito (CHABY, 1872, V.3, p. 379). Com o Conde de Galway, nomeado pela Rainha Anne da Inglaterra em junho de 1704, “General de nossas Forças em Portugal”, seguiu para Lisboa com 4.000 homens em julho daquele ano²². Entre os engenheiros que vieram estava o Coronel Pedro Carle, como engenheiro-chefe do trem de Cádiz, ao qual estavam subordinados “os seguintes engenheiros, os capitães Lewis Petit, John Mauclere, John Massey [sic], Joseph Bennet, Lucas Boitout, James Petit e o tenente Pierre de Gually”²³.

Deste modo, aquela proposta feita em janeiro de 1705, já antes referida, era de autoria de Galway, que escolheu para receberem patentes de oficiais do exército português homens dos quais conhecia a capacidade. Por isto não surpreende que, dos que foram nomeados oficiais, como entendemos hoje, de um total de 12, pelo menos oito eram refugiados franceses como o referido conde²⁴.

É por isso que João Massé integrava a força inglesa que, em número de 3.000 homens, fora enviada para reforçar Gibraltar, e que quase foi capturada pela esquadra francesa junto ao Cabo Espartel em 17 de dezembro de 1704. Contudo, o comboio conseguiu escapar, perdendo somente um navio, tendo parte da frota retornado para Lisboa, e o restante seguido para Gibraltar. Em 18 de fevereiro de 1705, os navios que haviam se retirado para Lisboa chegaram às costas de Gibraltar, “tendo a bordo 700 homens, e, entre eles os engenheiros Talbot Edwardes, Lewis Petit e John Massey [sic]”²⁵ (PORTER, 1889, p. 65).

¹⁹ Tal qual Robert C. Smith (2010, p. 61), que simplesmente escreveu “Sepúlveda acha-o inglês (op. cit, 9, Coimbra, 1923, 277)”.

²⁰ Cumpre notar que apresentou também um verbete sobre Allain Manesson de Mallet, o que Francisco Marques de Souza Viterbo (1904) não fez, e parece também não ter sido notado.

²¹ De acordo com Christovam Ayres de Magalhães Sepulveda (1926, p. 47-48 e 391-392). Cabe registrar que ele consultou a documentação relativa, depositada no Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

²² Henry de Massue recebeu o título de Conde de Galway em 1697 (AGNEW, 1864, p. 72, 109 e 110). Tradução nossa.

²³ Whitworth Porter (1889, p. 118-119). Tradução nossa. Provavelmente o James Petit referido é o Jayme Pellit mencionado por Claudio Bernardo Pereira de Chaby (1872, V.3, p. 391).

²⁴ Essa conduta fica evidente quando Earl of Galway (1711, p. 152-153) comentou que, após sofrer com a deplorável conduta da cavalaria portuguesa na Batalha de Caia, teve que recrutar novos regimentos, “que foram comandados por oficiais experimentados, *Inglese*s ou *Franceses* refugiados”. Grifos no original. Tradução nossa.

²⁵ PORTER (1889, p. 65). Tradução nossa.

Logo que chegou, João Massé foi designado para o trem²⁶ que apoiaria o Conde de Galway nas operações militares. Assim, vamos encontrá-lo integrando as forças que submeteram a praça de Alburquerque, na Estremadura espanhola, ao cerco, bombardeando seus muros e conseguindo abrir uma brecha na muralha, através da qual buscariam invadir a cidade. E foi nesta situação que em 19 de maio de 1705, que o “Capitão e Engenheiro Massé, chegado há pouco de Gibraltar”, recebeu ordens de Galway para aproximar-se e alargar a brecha, o que foi feito com um trabalho de minagem a partir de uma casa próxima à fortificação, resultando na ruína da mesma²⁷, tornando a defesa insustentável e levando a guarnição à capitulação no dia 20 do mesmo mês²⁸.

Galway prosseguiu no avanço com a força aliada, composta de portugueses, ingleses e holandeses, em direção a Madri. Em 10 de abril de 1706, suas forças deram início ao cerco de Alcântara, que caiu no dia 14. Durante os combates, um dos engenheiros, o Tenente-Coronel John Mauclere foi morto, e o Conde, provavelmente em reconhecimento às ações de João Massé, propôs então que ele fosse efetivado em seu lugar. Mas a resposta que recebeu no dia 12 de maio foi que “seu pedido no sentido de efetivar o Capitão Massey [sic] na função de engenheiro, recebendo 100 libras por ano, no lugar do falecido Coronel Mauclere” não seria atendido porque “Sua Graça, o Duque de Marlborough, reserva a si mesmo a disposição de tais lugares, que, de acordo com o desejo de Sua Senhoria, Roger Davies é agora nomeado para suceder ao Coronel Mauclere em Portugal”²⁹. Ou seja, embora Massé tivesse recebido patente no exército português em 1705, ele estava enquadrado dentro do exército anglo-holandês.

Posteriormente, em razão das derrotas sofridas nas batalhas de Almansa, em 1707 e de Caia, em 1709, o Conde de Galway foi substituído no comando das forças aliadas em 1710 (AGNEW, 1864, p. 150 e 151). Embora não existam documentos, parece evidente que João Massé se deu conta de que seus esforços seriam melhor reconhecidos pelos portugueses, do que até então havia ocorrido³⁰.

É por isso que vamos encontrar João Massé³¹ anos mais tarde, em fins de setembro de 1711, integrando as forças

²⁶ De acordo com Whitworth Porter (1889, p. 119), em 1705 existiam três trens atuando na Península Ibérica: em Cádiz, comandado pelo Coronel Albert Borgard; em Portugal, pelo Coronel Peter (ou Pedro) Carles, e em Barcelona, pelo Coronel John Kichards.

²⁷ Ou seja, o Capitão João Massé aplicou muito bem o que aprendera na Irlanda e nas Flandres.

²⁸ Segundo o Earl of Galway (1711, p. 15). Tradução nossa. Embora Roland Francisque-Michel (1882, p. 55-56) credite a autoria do livro a Manesson Mallet, julgamos isso improvável porque este último falecera em 1706. Na realidade, Henri de Massue, o Conde de Galway, escrevera o texto para se defender das críticas que recebera na Câmara dos Lordes sobre sua atuação na Península Ibérica, fazendo-o publicar de forma anônima, como se fosse obra de algum defensor seu.

²⁹ PORTER (1889, p. 127). Tradução nossa.

³⁰ Também deve ter pesado o fato de que Massé recordou-se que, ao desmobilizarem as forças que haviam lutado pelo rei inglês, nos anos 1690, apenas uma pequena parte permaneceu constituindo os regimentos, sendo a maioria dispensada, tornando-se pensionistas e recebendo apenas metade do que era pago aos integrantes das unidades militares. Isso era comum, e motivo de reclamações, como lembrou Whitworth Porter (1889, p. 141), ao referir que “John Massy [sic] (...) estava ao serviço dos portugueses como engenheiro-chefe”, e que se tivesse retornado à Inglaterra, seria incluído “na lista de meio soldo”. Tradução nossa.

³¹ Mas não o já citado Lucas Boitout. Em requerimento à rainha da Grã-Bretanha, Mary, sua viúva, relatou que “seu marido havia servido 18 anos como engenheiro na Irlanda, em Flandres, e em Portugal e Espanha, onde fora feito capitão pelo Conde de Galway, e que perdera a vida no último verão [de 1706], após ter perdido toda a sua equipagem quando ia para Coria [na Estremadura, Espanha]”, e “implorando pela subsistência dela e de três crianças”. (REDINGTON, 1874, p. 566), Letter signed Pierre Duval to Monsieur Poultney in favour of a poor widow [M^{re}Boitout], dated 19 April 1707 (REDINGTON, 1874, p. 502). E ela não ficou desamparada, pois seu nome aparece em uma relação do natal de 1713, junto com “diversas pensionistas francesas”, recebendo 30 libras esterlinas por ano (SHAW, SLINGSBY, 1957, p. 211 e 215). Em 12 de agosto de 1715 foi publicada uma relação nominal de pessoas que recebiam ou passariam a receber pensões do soberano britânico, sendo “peçoas de diversas categorias, [como] viúvas e filhos de oficiais mortos em serviço, que são refugiados franceses por motivos religiosos e alguns outros”, entre eles “Mary Boitou” (sic), com 30 libras esterlinas anuais, pagas em duas parcelas semestrais (SHAW, SLINGSBY, 1957, p. 679 e 680). Grifos nossos. Traduções nossas.

portuguesas envolvidas nas operações de defesa perante às forças espanholas sob o comando do oficial-general francês Marquês de Bay, que se aproximavam de Elvas, preparando-se para investir a cidade de Campo Maior. Na noite de 23, apesar do cerco posto à cidade de Elvas, Massé foi enviado àquela praça “porque do seu valor, e sciencia militar, tantas vezes manifestada em sítios e campanhas, se promettia grande utilidade na presente ocasião”. Na noite de 28 saiu d’Elvas, buscando chegar a Campo Maior passando entre as linhas inimigas, mas não conseguiu. Após várias tentativas, sendo que em uma delas “cahio em huma cova, a quem os companheiros [o] tirarão ferido em huma perna” conseguiu, afinal, chegar ao seu destino. E logo Campo Maior era submetida ao sítio pelas forças do Marquês de Bay, que possuía mais recursos que os defensores. Apesar de bombardeada e atacada por mais de 30 dias, a praça portuguesa suportou o assédio. Massé participou ativamente da defesa, onde “delineou varias obras, que forão mui uteis” e esteve responsável por um setor defensivo, “com dois Regimentos”. Ao final, os espanhóis se retiraram e os defensores foram premiados pelo rei, inclusive João Massé³², a quem “mandou dar huma joia”³³.

Ao abordar a atuação dos engenheiros nos conflitos onde lutaram os portugueses, Manoel de Azevedo Fortes (1729, p. 431) afirmou que a valorização que tiveram “os Engenheiros em França” resultou que os oficiais que tinham frequentado academias militares, se não eram

Engenheiros consummados, para o poderem ser de profição, são ao menos bem instruidos na Arte de fortificar, e de attacar, e defender as Praças, como mostrou a experiencia neste Reyno na guerra passada [i.e., da Sucessão da Espanha], na qual passaraõ praça de Engenheiros, (e o herão com effeito de boa nota) alguns officiaes das Tropas dos nossos alliados, que até allí só tinhaõ servido na Infantaria, como Monsieur Carle que pela sua muita Siencia, e pratica da guerra, o honrou Sua Magestade como posto de Mestre de Campo General: o Brigadeiro de Infantaria Joaõ Massé, a quem pela sua grande capacidade o mesmo Senhor confiou a visita das nossas Praças da América, e actualmente está servindo a esta Coroa com a mesma occupação de Engenheiro: Monsieur la Grave³⁴, e outros muitos exercitarão na mesma guerra as funções de Engenheiros, sem o serem de profição

o que ratifica que João Massé era francês, oficial de infantaria e que, embora não fosse engenheiro de formação, tinha bons conhecimentos práticos de engenharia militar³⁵, fazendo com que por várias vezes ele fosse qualificado como engenheiro na documentação de época³⁶, confirmando ainda que era comum a presença de oficiais estrangeiros nas

³² Segundo Gilles Destremau (2017).

³³ Antonio Caetano de Souza (1741, p. 142, 146, 147, 151, 153, 157, 158, 161 e 176), que foi reproduzido integralmente por Claudio da Conceição (1820, p. 51, 57, 58, 60, 64, 67, 71, 74 e 102).

³⁴ Essas referências feitas em relação à Carle e Massé explicam a gravura do cerco de Albuquerque, onde eles tiveram atuação destacada, publicada no segundo tomo da obra de Manoel de Azevedo Fortes, e que tinha despertado a curiosidade de Francisco Marques de Souza Viterbo (1904, p. 154).

³⁵ Ângela Domingues (2012, p. 7) referiu corretamente o exílio de Massé na Inglaterra, tal como de Henry de Massue, após a revogação do Editto de Nantes. Acrescenta, porém, que Massé serviu primeiro como um coronel e depois como brigadeiro de Lord Galway na Guerra de Sucessão, sem indicar onde obteve essas informações, e que estão equivocadas. Também Deonísio da Silva (2014, p. 209) escreveu que ele “era calvinista e se refugiou na Inglaterra”, mas também sem explicar onde havia encontrado tais informações.

³⁶ E assim referido por pesquisadores posteriormente, mas de maneira alguma como arquiteto e nem como mestre de obras, como escreveu Alexandre Passos (1962, p. 78).

tropas portuguesas, mesmo que fossem oriundos de uma nação inimiga³⁷.

E, por uma coincidência histórica, no mesmo mês e ano em que João Massé se empenhava em chegar a Campo Maior, para participar de sua defesa, um compatriota seu, René Duguay-Trouin, no comando de uma esquadra, atacava e tomava a cidade do Rio de Janeiro, obtendo um rico butim³⁸.

2. O Brigadeiro João Massé no Brasil

Após o término daquele conflito, e credenciado por suas ações, o então tenente-coronel de infantaria João Massé recebeu a patente de brigadeiro para “servir no Brasil”³⁹

por ser conveniente a seu Real serviço o fortificarse o estado do Brazil em forma q fique com toda a defença necessaria, e na pessoa do d.^{to} João Massé concorrerem os requisitos q. se requerem p.^a dar boa conta desta incumbência: M.^a S.Mg.^{de} p. bem q. elle passe com o posto q. tem de Brigadr.^o de Infantr.^a ao Ryo de Jan.^{to} p.^a examinar e reparar as fortificações daqla. Capitania e fazer as mays q. forem necesr.^{as} p.^a a defença e conservação della; e feita esta dellig.^a passara a fazer a mesma na Bahya, e Pernambuco, e enq.^{to} estiver no Brazil vencera 90.000 [réis] de soldo p. mes q. he dobrado do q. lhe compete com o d.^{to} posto de Brigadr.^o(...) seja pago do dia q. partir deste Rn.^oathe nelle tornar à entrar p. os efeitos da fazd.^a Real da capitania em q. estiver. De q. lhe foi passada Carta a 12 de Junho de [1]712.⁴⁰

No alto da folha onde está esse registro há as seguintes informações: “João Massé dizendo ser f.^o de Matheos Masse, n.^{al} da Cid.^e de Auch Rn.^o de França”, o que mais uma vez confirma que ele era mesmo Jean Destremau. Ao declarar ser natural de Auch, parece que ele ainda se preocupava com a segurança daqueles que tinham ficado em Le Houga. É possível ter uma ideia a respeito das expectativas sobre João Massé a partir de uma resposta ao Vice-Rei em rela-

³⁷ Ou seja, as afirmações de Mário Mendonça de Oliveira (2004, p. 138-139 e 212, 2011, p. 162), de que João Massé era “de origem inglesa (possivelmente batizado John Massey)”, ou sobre “um aporuguesamento do nome Massey, que o próprio militar assumiu na sua assinatura” pautadas somente no resumo do decreto e na relação de janeiro de 1705 publicadas (CHABY, 1872, V.3, p. 391-392), já referidos anteriormente, não se sustentam, como já demonstramos neste trabalho. A afirmação de que “Aliás, um personagem de origem francesa seria suspeitíssimo naquela quadra!” (OLIVEIRA, 2004, p. 212), queda totalmente invalidada pelo testemunho contemporâneo de Manoel Azevedo Fortes. No seu afã de provar a “origem inglesa” de João Massé, Mário Mendonça de Oliveira (2004, p. 138-139) referiu de forma inadequada o Decreto de 4 de novembro de 1720, “sobre licença de Massé ir a Inglaterra, sua pátria”, quando no resumo que há consta “Concedendo licença para ir a Inglaterra a um brigadeiro inglez [sic] ao serviço de Portugal” (CHABY, 1874, p.152), que só foi identificado como sendo Massé muito posteriormente (SANTOS, 1959, p. 103). Não temos dúvida em apontar que houve erro de designação de nacionalidade, feito pela equipe de Claudio Bernardo Pereira de Chaby (1874, p.152), e que Horácio Madureira dos Santos (1959, p. 103) consultou a documentação original, notadamente o decreto de 4 de novembro de 1720, do Maço 79, para escrever “O brigadeiro a quem foi concedida licença por quatro meses para ir a Inglaterra foi João Massé. Na capa do mesmo decreto indica-se que o tempo de licença foi de um ano”. Estas observações são extensivas a Filipe Eduardo Moureau (2007, p. 229-230), pelos motivos já expostos anteriormente.

³⁸ Sobre esse ataque há o relato do próprio René Duguay-Trouin (1746), além de outras obras mais recentes (p.e. FRAGOSO, 2004, CASTRO, 2009, CORRÊA-MARTINS, 2013). Embora tenha sido pago um resgate, a cidade do Rio de Janeiro não foi “sequestrada pelos franceses em 1711”, como erroneamente afirmou Deonísio da Silva (2014, p. 209).

³⁹ Decreto de 8 de maio de 1712, “Mandando passar patente de brigadeiro com soldo dobrado, sem gratificação, a um tenente coronel de infantaria, para servir no Brazil” (CHABY, 1874, p. 80). Portanto, é um equívoco José Pessôa e Maria Fernanda Bicalho (2007, p. 37) afirmarem que o rei “contratou o engenheiro militar Jean [sic] de [sic] Massé”, desconhecendo que o mesmo já estava ao serviço de Portugal desde 1705.

⁴⁰ Registo Geral de Mercês, Mercês de D. João V, liv. 3, f.462, Código de Referência: PT/TT/RGM/C/0003/44472, Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Documento bastante semelhante foi transcrito por Francisco Marques de Souza Viterbo (1904, p. 154) a partir do liv. 12 de Offícios, fol. 236 v., do Archivo do Conselho Ultramarino. Portanto, João Massé fora enviado para “examinar e reparar as fortificações”, e não para ser “consultor” (sic) dos projetos de fortificações” (OLIVEIRA, 2004, p. 138, MOREAU, 2007, p. 229), ou “dar consultoria sobre as nossas fortificações” (OLIVEIRA, 2011, p. 162), nem para “ajudar a combater as invasões francesas”, como escreveu em seu livro Deonísio da Silva, no verbete “Fortaleza” (2014, p. 209).

ção às fortificações no Brasil, na qual dizia esperar que ele fosse “um tão grande engenheiro e de tão conhecida ciência e suposição”⁴¹. Ou seja, não há dúvida que se esperava muito dele.

Porém o brigadeiro só chegou ao Rio de Janeiro em 3 de junho de 1713, juntamente com o governador nomeado, Francisco Xavier de Tavora⁴², após uma viagem complicada, em que uma tempestade dispersou a frota em que vinha⁴³ e o que o deixou adoentado por alguns meses. Na mesma ocasião já se ordenava que Massé seguisse para a Bahia⁴⁴, aonde chegou em fins de maio de 1714, de acordo com Mário Mendonça de Oliveira (2004, p. 138).

Portanto, verifica-se que, o período entre junho de 1713 e maio de 1714 foi o tempo de que dispôs o Brigadeiro João Massé para analisar e projetar os sistemas de defesa das praças do Rio de Janeiro⁴⁵ e de Santos, com a construção de novas fortificações e reparos daquelas que já existiam e que fossem úteis. Ressalte-se que o período citado abarcando aquele decorrido para sua recuperação da viagem transoceânica que fizera, bem como o dos deslocamentos entre as cidades acima citadas.

De suas atividades relativas à Capitania do Rio de Janeiro, até recentemente, os pesquisadores arrolavam como sendo de sua lavra, em relação à urbe carioca, a “Rellação de todas as fortificações e reparações necessarias para a conseruação e defesa da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro e de seu Porto, referidas as plantas que vão a parte”⁴⁶, datado de 1º de maio de 1714, a “Planta da cidade do Rio de Janeiro”⁴⁷, a “Planta da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, Com súas Fortifficações”⁴⁸ (Figura 2), que, embora catalogada junto com a “Rellação ...” que ao final tem o nome de João Massé, planta esta que só foi atribuída ao brigadeiro posteriormente por Gilberto Ferrez (1959, p. 390), e a “Plantas [sic] dos Fortes de Nossa Senhora da Conceição e S. Sebastião do Rio de Janeiro. 1714 [?]”⁴⁹, título e data atribuídas, já que esse documento cartográfico não apresenta nenhuma dessas informações, sendo-lhe imputada a autoria por Gilberto Ferrez (1972, Estampa 26), que a intitulou de “Planta inédita de João Massé, mostrando como pretendia defender a cidade pelo lado interior, em 1713”, em desacordo, portanto, com a catalogação acima transcrita. Ocorre que, após uma análise minuciosa, Francisco José Corrêa-Martins (2014) comprovou que o

⁴¹ Consulta ao Conselho Ultramarino – Carta do Governador Geral do Estado do Brasil Pedro de Vasconcelos, e relação do estado em que se achavam as fortalezas daquele Estado, feita pelo tenente general engenheiro Miguel Pereira da Costa. *Documentos Históricos – Consultas do Conselho Ultramarino, Rio de Janeiro – Bahia, 1710-1716*, V. 96, 1952, p. 63.

⁴² A informação consta de um atestado assinado, mas não escrito pelo Brigadeiro João Massé, relativo aos serviços prestados pelo Alferes José de Almada Mello, e datado de 13 de maio de 1714- AHU_ACL_CU_017-01, Cx. 76, D. 17624. Esse documento é o único conhecido no qual, além da assinatura, Massé colocou o sinete de suas armas em um selo de cera, que é apresentado pela primeira vez nesta pesquisa (Figura 1). A data informada por Massé contraria a afirmação de Mário Mendonça de Oliveira (2004, p. 138), de que sua carta patente do brigadeiro foi “registrada no Rio de Janeiro em 9/06/1713”, que não indicou a fonte dessa informação. Portanto, ele não foi “enviado ao Rio de Janeiro” em 1712 como erroneamente escreveu Marlon Solomon (2003, p. 150).

⁴³ “As duas charruas que aqui [em Salvador] vieram arribadas, supponho têm já chegado a êsse Pôrto, e que Vossa senhoria estará entregue do seu fato e mais trastes que nelas iam”. Carta que se escreveu ao Brigadeiro João Massé, 21 de julho de 1713, pelo Vice-Rei Pedro de Vasconcelos. *Documentos Históricos – Portarias 1721-1722, Cartas de Ofício 1704 -1717*, V. 70, 1945, p. 157.

⁴⁴ Em agosto ele ainda estava doente (CORRÊA-MARTINS, 2014).

⁴⁵ Adler Homero Fonseca de Castro (2009, p. 215) afirma que ele “permaneceu na cidade [do Rio de Janeiro] somente quarenta dias, boa parte dos quais doente e acamado”, porém ser referir onde obteve essa informação.

⁴⁶ *An. Bibl. Nac.*, V.39, p. 334-335 - AHU_CU_017-01, Cx. 16, D. 3323. Há uma transcrição integral em Gilberto Ferrez (1972, p. 210-215).

⁴⁷ *An. Bibl. Nac.*, V.39, 1917, p. 331, D. 3295, anexa ao D. 3287. - AHU_CU_017-01, Cx. 16, D. 3295, anexa ao D. 3287.

⁴⁸ *An. Bibl. Nac.*, V.39, 1917, p. 335, D. 3324, anexa ao D. 3317. - AHU_CU_017-01, Cx. 16, D. 3324, anexa ao D. D. 3317.

⁴⁹ *An. Bibl. Nac.*, V.39, 1917, p. 335-336, D. 3325, anexa ao D. 3317 - AHU_CU_017-01, Cx. 16, D. 3325, anexa ao D. 3317.

plano de defesa não tinha sido escrito nem assinado pelo Brigadeiro João Massé e que o mesmo também não era o autor das plantas relativas ao Rio de Janeiro que lhe eram atribuídas até então.

Com relação à cidade de Santos existem a “Relaçãõ das obras mais precisas e necessarias p.^a a Segurança da villa de Santos e de Seo Porto”, não datada, mas devidamente assinada por Massé⁵⁰ e a “Planta da Villa de Santos E de seu Porto, com suas Fortifficacoens dessinadas de novo”⁵¹, a “Planta de hua Fortaleza dessinada de novo na villa de Santos, cuja explicação vay em hum papel a parte”⁵², plantas estas que foram atribuídas ao brigadeiro francês por Eduardo Castro e Almeida, responsável pela catalogação dos documentos relativos ao Brasil do AHU na década de 1910. Porém, Beatriz Piccolotto Siqueira Bueno (2009, p. 125) afirmou categoricamente que a “Planta da Villa de Santos E de seu Porto, com suas Fortifficacoens dessinadas de novo” está “assinada pelo brigadeiro João Massé”, o que é um completo equívoco. Também atribuiu ao francês a autoria dos projetos relativos às “Planta da Fortaleza dessinada de novo na Barra gr.^{de} de Santos cuja explicação vay em hum papel a parte” e “Planta de hua Fortaleza dessinada de novo na Villa de Santos: cuja explicação vai em hum papel a parte”⁵³. Com relação à planta da “Fortalesa de Itape- ma, no Rio defronte da Villa de Santos” (Figura 3), afirma que é “datado de c. 1714 [sic] e, provavelmente, também atribuível ao brigadeiro João Massé”, mas sem explicitar com que base fez tais afirmações.

No que concerne às obras que teriam sido projetadas no Rio de Janeiro pelo Brigadeiro Massé, juntamente com o Governador Francisco Xavier de Tavora, houve o início da construção, ainda em 1713, do muro, bem como da Fortaleza da Conceição⁵⁴, esta que seria um dos baluartes do mesmo, junto com a Fortaleza de São Sebastião, no Morro do Castelo⁵⁵. Já com relação à praça de Santos, segundo Víctor Hugo Mori (2003, p. 83), apenas o Forte do Crasto ou Estacada, projetado para se erguer em frente do Forte da Barra Grande de Santos, teria sido construído parcialmente. Como exposto anteriormente, no final de maio de 1714 João Massé chegou a Salvador, capital da colônia, para continuar o exame das defesas. Assim, em agosto de 1715, o Marquês de Angeja, então Vice-Rei, enviou para Lisboa “a planta das fortificações que o Brigadeiro João Massé achou serem precisas para a defesa daquela praça, e o papel que fizeram os engenheiros a quem ouviu sôbre êste particular [i.e. o Mestre de Campo Miguel Pereira da Costa e o Capitão Gaspar de Abreu], com o seu parecer à margem dêle”. Contudo, o parecer do Conselho Ultramarino foi de que as fortificações projetadas para Salvador não só necessitariam “de um dilatadíssimo tempo mas [também] de uma imensa despesa e de se demolirem uma grande parte dos edifícios dela e de conventos”, restringindo então as intervenções à reparação da “trincheira e dique com que os holandeses a cercaram [a cidade de Salvador] pela banda de

⁵⁰ *An. Bibl. Nac.*, V.39, 1917, p. 344, D. 3390, anexa ao D. 3385. - AHU_CU_017-01, Cx. 16, D. 3390, anexa ao D. 3385. Mas a relação que não foi escrita por ele.

⁵¹ *An. Bibl. Nac.*, V.39, 1917, p. 344, D. 3391-3392, anexa ao D. 3385. - AHU_CU_017-01, Cx. 16, D. 3391-3392, anexa ao D. 3385. Ressalte-se que há dois exemplares, algo que passou despercebido até agora. E nenhuma delas tem assinatura, ao contrário do que afirmou Beatriz Piccolotto Siqueira Bueno (2009, p. 125).

⁵² *An. Bibl. Nac.*, V.39, 1917, p. 344, D. 3393, anexa ao D. 3385. - AHU_CU_017-01, Cx. 16, D. 3393, anexa ao D. 3385.

⁵³ BUENO (2009, p. 124-125) não fez a referência correta dessas plantas que são, respectivamente, AHU_CARTm_023, D. 1065 e AHU_CARTm_017, D. 1067.

⁵⁴ Diferentemente do que pensou Beatriz Piccolotto Siqueira Bueno (2009, p. 124 e 125).

⁵⁵ Embora a cintura da muralha da Fortaleza da Conceição estivesse terminada em 1715, a construção do muro se arrastou por anos, e nunca foi concluída. A respeito destes aspectos e sobre as fortificações da cidade do Rio de Janeiro naquela época indica-se CORRÊA-MARTINS (2014, 2016).

terra” (o atual Dique do Tororó), ao Forte do Mar (ou Forte São Marcelo) e ao cais na marinha da cidade proposto pelos engenheiros, com o quê o rei concordou.⁵⁶ Mário Mendonça de Oliveira (2004, p. 130) afirmou que Massé foi responsável pelo projeto de fortificação de Salvador, além de ter participado do início da construção do Forte de São Pedro. Contudo, dessa documentação parecia que nada chegara aos dias atuais, a não ser a cópia feita por Luiz dos Santos Vilhena em 1801, de uma planta atribuída ao João Massé⁵⁷ (Figura 4). Porém é importante registrar que, na Mapoteca do Arquivo Histórico do Exército no Rio de Janeiro, localizamos duas plantas da cidade de Salvador muito semelhantes àquela que Luizdos Santos Vilhena (1801) atribuiu ao João Massé⁵⁸ e que copiou em seu manuscrito.

Em 1717, o Brigadeiro Massé escreveu de Salvador para o rei⁵⁹ informando que, “para findar a minha diligência de visitar as praças deste Estado do Brasil sô me faltava a de Pernambuco”. De fato, o engenheiro francês foi até lá em outubro de 1716, permanecendo “per tempo de sinco mezes”, desenhando “huá Cidadella” para Recife e, por ordem do Vice-Rei “fui vizitar os portos da Parahiba do Norte, Ilha de Tamaracá e Pao Amarello, como taõ bem ao Sul de Pern^{co} os do Cabo de Santo Agostinho, e Tamandarâ”, entregando as plantas de fortificações julgadas necessárias, bem como a relação das obras relativas à Paraíba ao seu Capitão Mor, enquanto “aos mais portos comoniquei oq nelles tinha observado ao Gover de Pern.^{co}”. E que, ao terminar seus trabalhos, voltara à Bahia, onde entregara ao Marquês de Angeja, “as ditas plantas, [e] Relações”⁶⁰. Das obras do Recife parece que parte da muralha projetada foi construída, mas de maneira muito lenta, pois que, em 1729, era dado o parecer de “Que a grande fortificação delineada pello Brigadeiro Joaõ Masse se deve restringir ao novo dessenho”, ou seja, reduzia o que fora proposto anos antes⁶¹.

Massé, além de dar como concluída a tarefa pela qual fora enviado ao Brasil, aproveitava para expor suas queixas ao rei, porque “no discurso [sic] de quatro annos” no desempenho de sua missão tivera que arcar com os custos de embarcações e cavalos para percorrer as praças que devia examinar, contando para tal somente com “os soldos e tença anual q’ jatinha em Portugal”, e por isto pedia, além de uma ajuda de custo por aqueles gastos extraordinários, licença para “para passar a Portugal”.

Mas o parecer do Conselho Ultramarino sobre a carta de Massé, dado no começo do ano seguinte⁶² não deixa de ser

⁵⁶ Sobre a cidadela e defensas da praça de Salvador, 4 de fevereiro de 1716. *Documentos Históricos – Consultas do Conselho Ultramarino – Rio de Janeiro – Bahia – 1710-1716*. Vol. XCVI. [Rio de Janeiro]: Biblioteca Nacional, Divisão de Obras Raras e Publicações, 1952, p. 210-212.

⁵⁷ Intitulada “[Cartas I. II. e VI] Planta da Cidade da Bahia tal qual a elevou no tempo do Vice Reinado do Marquez de Ángeja D. Pedro de Noronha, o Brigadeiro Engenheiro Joaõ Masse, na qual se não So o ambito que entãõ ocupava, Como a muralha, e Dique Com que os Holandeses a haviaõ guarnecido pella parte da Campanha, o que tudo se acha hoje destruido [sic]. Hacedem mais os projecttos das obras com que aquelle Engenheiro queria Se fortificasse a Cidade e Seu Porto”. Disponível em http://obidigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1304801_34/mss1304822_26.jpg

⁵⁸ Tratam-se dos exemplares 02.02.261 e 02.03.288.

⁵⁹ Carta do Brigadeiro João Massé para o Rei, Bahia, 20 de agosto de 1717. *An. Bibl. Nac.*, V.39, 1917, D. 3552, p. 86. - AHU_CU_017-01, Cx. 17, D. 3552. Trata-se de uma rara, se não única correspondência de João Massé que se conservou até nossos dias. Como as imagens do microfilme estão ruins, não conseguimos verificar se a assinatura na carta é autógrafa, pois não está visível.

⁶⁰ O que significa que, sob a supervisão de Massé, teriam sido produzidos dois conjuntos de plantas e relações referentes às fortificações na Paraíba e em Pernambuco. Infelizmente, parece que não chegaram aos dias atuais.

⁶¹ Parecer da Junta [de engenheiros do Reino e da capitania de Pernambuco], Manoel de Azevedo Fortes, João Massé, José da Silva Paes e Diogo da Silveira Veloso, ao rei [D. João V], sobre as obras das fortificações da dita capitania, [Cidadela do Recife] e fortes do Brum, Santo Antônio dos Coqueiros, Nazaré e Quartéis de Olinda. Lisboa, 17 de novembro de 1729. Anexos: 2 docs., AHU_ACL_CU_015, Cx. 39, D. 3541.

surpreendente. Como o mesmo tinha “satisfeito inteiramente a diligencia a q foi mandado por V. Mag.^{de} que era dese-
nhar a fortificação do Rio de Janeiro, Bahia, e Pernambuco [sic] e Parahiba⁶³, de que remeteo as plantas”, o Conselho
opinava que ele podia ser atendido em seu pedido de retorno ao reino. Mas havia outros motivos e, talvez, mais im-
portantes para a sua volta. Considerava-se que a “despeza que se faz com hum tão grande soldo q se lhe arbitrou”
era alta⁶⁴,

e porque se tem noticia, e vulgarmente se dis que este Francez tem sido muito prejudicial naquella
Conquista pella grande negociação q tem feito e faz nella tendo Logeas publicaz, e q' não só des-
caminha as fazendas da Alfandega, mas ainda as de Contra bando, tirando as dos Navios Estran-
geiros para sua caza⁶⁵, com gravissimo prejuizo do nosso Comercio”,

e caso Massé não quisesse vir para Portugal, o Vice-Rei devia enviá-lo na primeira frota que saísse do Brasil para o
reino, e que depois dele partir, “se tire logo huá devassa do procedimento que teve nessa parte”, e que sobre a ajuda
de custo pedida, que não devia ser dada, pois que o brigadeiro tinha “soldos tão aventejados, como São os que Logra,
Constando ter tirado grandes conveniencias de pois que assiste no Brasil”, parecer com que o rei concordou.

Examinando retrospectivamente a atribuição de autoria ao Brigadeiro João Massé de projetos e plantas de fortifica-
ções, verifica-se que foi feita a partir de documentos administrativos onde se registraram suas ações, bem como docu-
mentos cartográficos, que não trazem claramente indicada a autoria dos mesmos. Saliente-se que a grande maioria
dos pesquisadores anteriormente não realizou um exame crítico desse conjunto documental. Porém, a análise que
realizamos, tanto da documentação escrita como cartográfica, aponta para uma conclusão bastante distinta. Apenas
um dos relatórios sobre fortificações, que seriam de sua lavra, traz sua assinatura, e observa-se que a caligrafia é
completamente distinta do texto do documento. Pode-se alegar que ele teria rascunhado ou ditado tal documento,
como também poderia ser o resultado de um trabalho em conjunto com outros, como no caso do Rio de Janeiro, onde
atuou juntamente com o Governador Francisco Xavier de Tavora (CORRÊA-MARTINS, 2014, 2016). E o mesmo pro-
vavelmente ocorreu em Salvador, se não com o Vice-Rei, o Marquês de Angeja, seguramente com o Mestre de Cam-
po Miguel Pereira da Costa e o Capitão Gaspar de Abreu, pois, como foi exposto anteriormente, Massé ouviu a opini-
ão destes dois últimos a respeito das fortificações “precisas para a defesa daquela praça” e que estavam na planta
que era remetida então ao Conselho Ultramarino.

No tocante às plantas e cartas já se estabeleceu, em relação àquelas relativas ao Rio de Janeiro que Massé não foi o

⁶² Consulta do Conselho Ultramarino sobre a comunicação que fizera o Brigadeiro João Massé ..., 17 de janeiro de 1718. *An. Bibl. Nac.*, V.39, 1917, D. 3551, p. 86-87. - AHU_CU_017-01, Cx. 17, D. 3551.

⁶³ A Paraíba não constava como local a ser visitado por Massé quando de sua designação em 1712.

⁶⁴ Como visto anteriormente, seu soldo fora arbitrado em 90.000 réis, o dobro do que normalmente recebia.

⁶⁵ Suspeitas que devem ter sido reforçadas quando da passagem de um francês por Salvador, entre fevereiro e março de 1718, pois que, autorizado pelo Vice-Rei, ficou alojado da casa de Massé, que o levou a um passeio em Mataripe, no Recôncavo, no começo de março (LA BARBINAIS, 1728, p. 171 e 176).

autor das mesmas (CORRÊA-MARTINS, 2014). No que concerne às plantas produzidas durante sua estada em Salvador, muito provavelmente não desenhou nenhuma delas. Fazemos esta afirmação com base no ofício do Conselho Ultramarino, de 15 de dezembro de 1718 onde, ao confirmar o provimento de Gonçalo da Cunha Lima no posto de capitão, se declara que “no decurso de tres annos e meyo que o brigadeiro João Massé [sic] assistio naquella praça dar boa conta das delligencias que lhe emcarregou assim na assistencia das fortificações com boa intelligencia dellas, como no tirar das plantas, em que teue grande trabalho”, e que embora encarregado de outras tarefas, como a construção de uma fragata, ainda assim “fazendo com toda a certeza e perfeição [as] plantas que pelo brigadeiro João Massé lhe forão emcarregadas”⁶⁶. A respeito daquele personagem, Francisco Marques de Souza Viterbo afirmou que era “um dos mais applicados alumnos da aula de fortificação da Bahia [i.e., Salvador], exercitando a sua profissão desde os últimos annos do seculo XVII”, sendo nomeado “ajudante engenheiro d'aquella praça” em 1715. E parece-nos muito provável que Gonçalo da Cunha Lima desenhou também as plantas das fortificações previstas para a Paraíba e Pernambuco, cujo paradeiro hoje é desconhecido.

3. O retorno para Portugal

Apesar das denúncias contra o Brigadeiro João Massé, ele teve confirmada, a partir de maio de 1719, uma tença anual de 600.000 réis⁶⁷. Em novembro de 1720 ele obteve licença para ir à Inglaterra por quatro meses, prorrogada para um ano (SANTOS, 1959, p. 103). Ao retornar⁶⁸, ele passou a integrar o corpo de pareceristas do Conselho Ultramarino, sendo ouvido em questões relativas às obras⁶⁹, defesa e fortificações⁷⁰, tendo sido um dos censores de *O engenheiro portuguez*⁷¹.

Contudo, parece que as denúncias feitas no Brasil o perseguiram por muito tempo. Verdadeiras ou não, o fato é que, através de um aviso da Secretaria de Estado, datado de 24 de novembro de 1734, se verifica que o Brigadeiro João Massé peticionara para “se lhe perdoar as condenacois expre[ssas] na Sn.^{ga} que no juizo da Coroa Se [de]ferio contra

⁶⁶ VITERBO (1899, p. 264-266). Grifos nossos.

⁶⁷ João Massé, 2 de maio de 1719, Registo Geral de Mercês, Mercês de D. João V, liv. 3, f.462, Código de Referência: PT/TT/RGM/C/0003/44472, Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Esse documento registra que ele deixou de ser pago no Brasil em 21 de agosto de 1718, ou seja, o dia em que provavelmente partiu de Salvador de volta para Lisboa. Portanto ele chegou em Portugal entre o final de 1718 e princípio de 1719, e não em 1727, como pareceu pensar Robert C. Smith (2010, p. 67). Seu rendimento mensal seria menor do que aquele recebido no Brasil, o que talvez explique porque na Correspondance de Portugal (vol. LVII, fol. 294, 384 et LVIII, fol. 32, ann. 1723), Ministère des Affaires Étrangères, existem referências de que o Brigadeiro Massé “era perseguido por um ou mais credores” (FRANCISQUE-MICHEL, 1882, p. 56).

⁶⁸ Quando voltou para Lisboa, Massé trouxe Ana (ou Anne) Pearson, que conhecera e com quem casara durante sua licença. Podemos fazer essa afirmação porque, em carta enviada à sua irmã Isabeau, datada de 23 de julho de 1720, e inteiramente transcrita por Gilles Destremau (2017), ele mencionou sua próxima ida à Inglaterra, mas não há qualquer referência à Ana/Anne Pearson. Contudo, segundo Gilles Destremau (2017), ele já havia casado anteriormente em Londres em 1698, com Susannah Berard, com quem tivera dois filhos. Porém, não há registros sobre seus destinos.

⁶⁹ Sobre uma nova ponte na Alfândega [de Salvador], 20 de dezembro de 1719. *Documentos Históricos – Consultas do Conselho Ultramarino – Rio de Janeiro – Bahia – 1716-1721*. Vol. XCVII. [Rio de Janeiro]: Biblioteca Nacional, Divisão de Obras Raras e Publicações, 1952, p. 195; Sobre a construção de uma nova alfândega em Pernambuco, 2 de março de 1733. *Documentos Históricos – Consultas do Conselho Ultramarino – Capitánias do Norte – 1728-1746*. Vol. C. [Rio de Janeiro]: Biblioteca Nacional, Divisão de Obras Raras e Publicações, 1953, p. 195, p. 106.

⁷⁰ Sobre fortificações em Pernambuco, 16 de dezembro de 1729, e Sobre fortificações na Baía da Traição, Parnaíba, 20 de abril de 1735. *Documentos Históricos – Consultas do Conselho Ultramarino – Capitánias do Norte – 1728-1746*. Vol. C. [Rio de Janeiro]: Biblioteca Nacional, Divisão de Obras Raras e Publicações, 1953, p. 47 e 153.

⁷¹ Censura do Brigadeiro de Infantaria João Massé, Engenheiro de Sua Magestade [ao livro de] FORTES (1728).

elle por dizerse q ha[via] comerciado na B.^a [i.e., Salvador] com navios [es]trangeiros quando estava naq[uella] Cidade”. Que havia sido determinado fazer diligências sobre essas acusações e que, como ainda não haviam sido resolvidas, determinava que “ordene o Cons.^o [Ultramarino] ao execut[orio] q. preceda na execucao da d.^a S[n.ª]”⁷², sem esclarecer qual era a pena. Não encontramos documentos que mostrem se ela foi de fato aplicada ou não.

Nesse tempo a guerra novamente cruzou o caminho de Massé. Frente à ameaça de invasão, por forças castelhanas, da região do Alentejo, ele foi promovido, em 1735, ao posto de Sargento-mor de batalha (SANTOS, 1959, p. 161), assumindo a função de Quartel-Mestre General no exército mandado formar por D. João V, enquanto Manoel de Azevedo Fortes era o “Ingenheiro Mor” (SILVEIRA, 2003, p. 268).

Mas a idade e as atividades profissionais começaram a cobrar seu preço pois, dois anos mais tarde, ele solicitou uma licença para tratar de sua saúde⁷³. Estava ainda ativo em 1740, pois expressou sua opinião sobre a “pouca pratica dos terrenos comq achou os Engenhr.^{os} dos nossos Brazis[,] sendo capasisimos na espiculação, o que procede de se terem mandado alguns sujeitos sahindo da Academia sem primr.^o adquirirem pratica nas Provincias do Ren.^o”⁷⁴, o que reflete sua percepção da necessidade da prática ao par do ensino teórico. E, entre os anos de 1740 e 1741, segundo o Rol dos Confessados⁷⁵ da freguesia de Santa Catarina, em Lisboa, residiam no Largo do Rato, entre outros, “o Sargento-mór João Massê [sic] (*hereje*, segundo a expressão usada no *Rol*), sua mulher Ana Pearson e seu filho Carlos Massê⁷⁶ [sic]”⁷⁷, demonstrando que, até o fim, ele não abjurou de sua fé, atitude esta que o levava a deixar a França tantos anos atrás.

4. Conclusões

A pesquisa sobre o Brigadeiro João Massé terminou por revelar um personagem bem mais complexo do que inicialmente poderia parecer. Oficial de infantaria francês e huguenote, que por uma questão de política interna, se viu obrigado a emigrar em razão de perseguição religiosa, foi oferecer seus serviços a um Estado que não o discriminava por causa de sua fé. E lá foi ele lutar pelo soberano inglês na Irlanda e na região de Flandres, em cujos campos de batalha provavelmente aprendeu, na prática, a ciência de ataque e defesa de praças fortificadas. E nas muitas reviravoltas que a História dá, no âmbito de um conflito europeu, mas com repercussões para além-mar, quando a Inglaterra envi-

⁷² Aviso do [Secretario de Estado] Diogo de Mendonça Corte Real ao [Conselheiro do Conselho Ultramarino] José Carvalho de Abreu, sobre a petição do Brigadeiro João Mace (sic) pedindo perdão da acusação de comerciar com navios estrangeiros. AHU_ACL_CU_005, Cx. 49, D. 4368. O documento apresenta perdas na lateral direita.

⁷³ Concedendo licença para fazer tratamentos nas Caldas, nos termos do decreto nº 1, ao Sargento-mor de batalha João Massé, 3 de junho de 1737 (SANTOS, 1959, p. 211).

⁷⁴ Parecer de Manoel de Azevedo Fortes, Lisboa, 19 de agosto de 1740, parte da Consulta do Conselho Ultramarino ao rei D. João V, sobre as cartas do governador da capitania de Pernambuco (...). AHU_ACL_CU_015, Cx. 39, D. 3548.

⁷⁵ O “Rol dos Confessados” era uma das obrigações do pároco ou padre, que devia fazê-lo anualmente, identificando os habitantes da freguesia, por nome, ocupação, grau de parentesco (no caso de esposa e filhos), idades, além de informações religiosas, sendo que “estrangeiros, vagabundos e presos também [deveriam] ser inscritos como fregueses” (GUERREIRO, 1997, p. 149).

⁷⁶ Seu filho também seguiu a carreira militar, e na infantaria, tendo servido na Índia, e atingiu o posto de coronel, tendo sido governador da praça de Juromenha, às margens do rio Guadiana, região do Alentejo, onde morreu, por volta de 1787 (SANTOS, 1963, p. 130 e 418-419.)

⁷⁷ SEQUEIRA (1922, p. 378). Grifos no original.

ou forças para apoiar Portugal, um aliado católico, o antigo Jean Destremau, agora João Massé, achou-se lutando contra a liga da qual a França, onde nascera, era parte.

É importante destacar que, nessa época, o sentido de pertencimento das pessoas estava ligado ao local de nascimento, e não ao reino onde se situava o lugar de seu nascimento. Em outras palavras, a palavra “pátria” designava o local ou região de nascimento, e não tendo relação com o Estado onde se ela porventura se inseria. Por isto era muito comum que estrangeiros integrassem os exército e marinhas de reinos que não os seus, como foi o caso dos franceses lutando pela coroa inglesa (GLOUZIER, 2002), dos irlandeses lutando pela coroa francesa (COUDRAY, 2018), e de ingleses, franceses e espanhóis, entre outros, lutando pela coroa portuguesa, como pode se ver, por exemplo, na documentação reunida por Claudio Bernardo Pereira de Chaby (1872, 1874).

E, no caso de Portugal, segundo David Martelo (2012), tanto à aversão pela carreira das armas por parte da nobreza, como o fato de que os mais altos postos ocupados pelos nobres serem transmitidos de forma hereditária, acabou por afetar a capacidade operacional do exército, o que levou os soberanos portugueses quase rotineiramente a recorrerem ao apoio inglês, e posteriormente britânico, que se traduziu no envio de oficiais e tropas para defenderem o aliado lusitano em diversos conflitos.

Há outro aspecto a ser abordado. Naquela época a Inquisição atuava nos domínios portugueses e, entre seus objetivos, estava o combate às heresias. Portanto, todo não católico era considerado herege e deveria ser perseguido e punido. Contudo, com a entrada em vigor do Regimento de 1640, que organizou os processos inquisitoriais, além das mudanças que começavam a ocorrer nos interesses estatais, as ações da Inquisição se restringiram paulatinamente a determinados segmentos, notadamente os cristãos-novos. Desse modo, os militares estrangeiros protestantes (ou seja, hereges), que integravam o exército e a marinha portuguesa, como outros que habitavam as terras do reino, acabaram por ser tolerados (MIRANDA, 1986, p. 119), embora não tivessem liberdade de culto, o que só foi reconhecido no século XIX.

Nesta conjuntura foi que João Massé se distinguiu e acabou chamando a atenção da Administração Real, levando à sua designação para vir ao Vice-Reino do Brasil, para que a colônia ficasse “com toda a defesa necessária”. Mas, afinal, que tipo de engenheiro ele era? Segundo Manoel de Azevedo Fortes (1729, p. 431), mesmo sem ser engenheiro “de profição”, ele tinha “grande capacidade” e era bem instruído “na Arte de fortificar, e de atacar, e defender as Praças”.

Inicialmente, porém, essa mudança de continente pode ter sido como um choque para ele. Afinal, na viagem de vinda enfrentou contratempos e chegou doente ao Rio de Janeiro. Além disso, o Brigadeiro Massé se viu diante de cenários geográficos diversificados e das dimensões brasileiras que ultrapassavam em muito o quê ele conhecia. Mas o francês mostrou seu discernimento ao buscar ouvir quem estava à frente da administração da capitania e, por conseguinte, de sua defesa, no caso o Governador Francisco Xavier de Tavora em relação ao Rio de Janeiro, levando em conta suas opiniões e considerações (CORRÊA-MARTINS, 2014). Ao que tudo indica, repetiu este mesmo proceder quando foi para Salvador. E, com o tempo, adquiriu confiança, a ponto de hospedar um compatriota, o viajante Gentil de la Barbinais e levá-lo a um passeio no Recôncavo Baiano. Tão à vontade ficou que sofreu até acusações de contraban-

do, as quais o acompanharam por largo tempo.

Seu retorno à Lisboa marcou sua passagem para atividades aparentemente burocráticas, com exceção do susto de 1735. De seu matrimônio nasceu Carlos, seu único filho lusitano, em 1724, e futuro oficial do exército português, recebendo os Santos Óleos em uma igreja católica em Sacavém, ao nordeste da capital do reino. Singularmente, no registro de batismo, o nome da mãe constou claramente, mas não o do pai, figurando “Paÿ incognito”. Em 6 de agosto de 1746 esse registro foi averbado, tarjando a referência anterior sobre o pai, e acrescentando o nome “João Massé”⁷⁸. Sua mulher havia se convertido ao catolicismo, mas ele, Jean Destremau, o Sargento-morde batalha João Massé, um “herege”, manteve-se fiel à sua fé até o fim de seus dias, o que deve ter ocorrido entre 1745 e 1746.

No que tange aos projetos de fortificações propostos para as diversas capitâneas já mencionadas, verifica-se pela análise da documentação que a administração reinol, através do Conselho Ultramarino, começou a colocar uma série de entraves para sua realização, fosse por sua envergadura, fosse pelos seus custos. O fato é que, com a percepção da cessação do perigo de uma agressão estrangeira, a Coroa portuguesa simplesmente passou a considerar aquelas obras como desnecessárias, restringindo-as a um mínimo necessário. Sendo assim, a maior parte delas não passou de projetos, os quais foram elaborados a partir das colaborações do engenheiro francês com os administradores e responsáveis pela defesa das capitâneas do Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco.

Em relação aos relatórios, projetos e plantas que no passado tiveram sua autoria atribuída ao Brigadeiro João Massé constata-se que, embora muitas vezes citados, efetivamente foram pouco analisados. O exame dessa documentação revela que apresentam diferenças tanto na caligrafia como nas técnicas de desenho, o que nos permite afirmar que Massé não escreveu ou desenhou nenhum daqueles documentos que lhe foram atribuídos no passado. E isso já foi demonstrado com relação à documentação relativa ao relatório e aos documentos cartográficos referentes ao Rio de Janeiro, sendo que nesta pesquisa estabelecemos que as plantas feitas em Salvador, durante a estada de João Massé, foram riscadas por Gonçalo da Cunha Lima. Muito provavelmente, foi de alguma delas que Luiz dos Santos Vilhena (1801) copiou o exemplar que inseriu em seu manuscrito. E possivelmente Cunha Lima desenhou também as fortificações da Paraíba e de Pernambuco, plantas essas cujo paradeiro é desconhecido. Acrescente-se que as marcas d'água encontradas, e que ainda não foram estudadas, poderão vir a revelar que os documentos manuscritos e cartográficos talvez tenham sido produzidos em tempos distintos.

Estas constatações nos levam a recomendar que, no tocante à cartografia histórica, é necessário ter presente que nem sempre os engenheiros militares ou cartógrafos citados na documentação foram de fato os responsáveis pela elaboração de plantas, cartas ou mapas que porventura a acompanhem. Portanto, a atribuição de autoria de um documento cartográfico, caso não seja claramente indicado no mesmo, deve se cercar de todos os cuidados, e ser feita de forma bastante criteriosa.

⁷⁸ Imagem do documento enviada pelo Sr Gilles Destremau.

5. Agradecimentos

Ao Sr Gilles Destremau (Paris, França), pelos documentos enviados e que permitiram compreender melhor um personagem muito falado, mas pouco conhecido. Ao Sr Eduardo Cavalcante (Rio de Janeiro, RJ), pela paleografia do documento danificado do AHU. À Dra Maria Dulce de Farias, da Seção de Cartografia da Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, pela documentação cartográfica figurada nesta pesquisa.

6. Referências bibliográficas

AGNEW, David. C.[arnegie] A. [ndrew]. *Henri de Ruvigny, Earl of Galway. A filial memoir, with a prefatory life of his father, le Marquis de Ruvigny*. Edinburgh: William Patterson, 1864.

AGNEW, David. C.[arnegie] A. [ndrew]. *Protestant Exiles from France in the Reign of Louis XIV; The Huguenot Refugees and their descendants in Great Britain and Ireland*. Volume I. 2nd ed. London: Reeves & Turner, 1871.

AGNEW, David. C.[arnegie] A. [ndrew]. *Protestant Exiles from France, chiefly in the Reign of Louis XIV. or, The Huguenot Refugees and their descendants in Great Britain and Ireland. Volume II - Refugees Naturalized in and after 1681*. 3rd ed. [London]: [The Huguenot Society of London], 1886.

ANDERSON, Carolyn J. Military Intelligence: The Board of Ordnance Maps and Plans of Scotland, 1689-c.1760. In: BOYD, Gary A., LINEHAN, Denis John (eds.), *Ordnance: war + architecture and space*. Farnham: Ashgate Publishing Limited, 2013. p. 157-178.

BLUTEAU, Raphael. *Vocabulário portuguez e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico, [...] uranologico, xenophonico, zoologico, autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos, e offerecido a El Rey de Portugal D. João V, V.2*. Coimbra: Colégio das Artes da Companhia de Jesu[s], 1712.

BUENO, Beatriz Piccolotto Siqueira. Do borrão às aguadas: os engenheiros militares e a representação da capitania de São Paulo. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 111-153, jul./dez. 2009.

CASTRO, Adler Homero Fonseca de. *Muralhas de pedra, canhões de bronze, homens de ferro: fortificações do Brasil de 1504 a 2006*. Rio de Janeiro: Fundação Cultural Exército Brasileiro, V1, 2009.

CHABY, Claudio [Bernardo Pereira] de (dir.). *Sinopse dos decretos remetidos ao extinto Conselho de Guerra: desde o estabelecimento deste Tribunal em 11 de dezembro 1640, até a sua extinção decretada em 1º de agosto de 1834*. Lisboa: Imprensa Nacional, v.III, 1872, v. IV, 1874.

CLEAVELAND, [Frederick Darby]. *Notes on the early history of the Royal Regiment of Artillery*. [With notes by Lieutenant-Colonel William Lambert Yonge]. [Woolwich]: [s.n.], [1892].

CONCEIÇÃO, Claudio da. *Gabinete histórico, que a sua Magestade Fidelissima, o Senhor Rei D. João VI. (...) – Tomo VI - Desde 1710 até 1717*. Lisboa: Na Imprensa Regia, 1820.

CORRÊA-MARTINS, Francisco José. “Jeitinho carioca (?)”: a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro e seu sistema defensivo em três momentos distintos do período colonial. In: SIMPÓSIO LUSO-BRASILEIRO DE CARTOGRAFIA HISTÓRICA, 5, Petrópolis, 2013. *Anais*, Disponível em: <<http://www.cartografia.org.br/vslbch/trabalhos/74/106/Trabalho-FJCM-2013def.pdf>>

CORRÊA-MARTINS, Francisco José. Análise comparativa do projeto e das plantas das fortificações do Rio de Janeiro atribuídas ao brigadeiro João Massé. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE CARTOGRAFIA HISTÓRICA, 2, 2014. Tiraden-

tes, *Anais*. Disponível em: <<http://fortalezas.org/midias/arquivos/3172.pdf>>

CORRÊA-MARTINS, Francisco José. Jogos nada infantis: a participação de crianças e adolescentes nos conflitos, especialmente na Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai. In: RODRIGUES, Fernando da Silva; PEDROSA, Fernando Velôzo Gomes (Org.). *Uma Tragédia Americana: A Guerra do Paraguai sob Novos Olhares*. 1ª ed. Curitiba: Editora Prismas, 2015. p. 291-341.

CORRÊA-MARTINS, Francisco José. A defesa do Rio de Janeiro no início do século XVIII: ou um muro que desapareceu e um morro em conflito. *Revista Acervo*, Rio de Janeiro, v. 29, n. 1, p. 97-115, jan./jun. 2016. Disponível em: <<http://revista.arquivonacional.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/666/720>>

COUDRAY, Pierre Louis. *Mourir à la guerre, survivre à la paix: les militaires irlandais au service de la France au XVIIIe siècle, une reconstruction historique*. Tese (Doutorado). Littératures. Université Charles de Gaulle - Lille III, 2018. Disponível em <<https://tel.archives-ouvertes.fr/tel-01997932/document>>

DESTREMAU, Gilles. *Jean Destremau de Massé (circa 1666 to circa 1745) takes his revenge: the travels and travails of a Huguenot military officer of Le Houga in Lower Armagnac*. Translated from French by Bruce Wannell. In: Lecture Programme 2017-18 of The Huguenot Society of Great Britain and Ireland, London, 2017.

DOMINGUES, Ângela. In a world without faith and dominated by ambition: Representations of Brazil and the Portuguese in the First Half of the Eighteenth Century European Travel Literature. *Culture & History Digital Journal*, 1(2), December 2012, m104. 1-14. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.3989/chdj.2012.m104>>

DUANE, William. *Military Dictionary, or, explanation of the Several Systems of Discipline of different kinds of troops, Infantry, Artillery, and Cavalry; the Principles of Fortification, and all the Modern Improvements in the Science of Tactics ...*. Philadelphia: William Duane, 1810.

DUGUAY-TROUIN, René. *Mémoires de Monsieur Du Guay-Trouin, Lieutenant Général des Armées Navales de France & Commandeur de l'Ordre Militaire de S. Louis*. Amsterdam: Pierre Mortier, 1746.

FERREZ, Gilberto. João Massé e sua planta do Rio de Janeiro de 1713. *Revista do IHGB*, nº 242, Rio de Janeiro, janeiro/março de 1959, p. 388-396 [publicado originalmente no Jornal do Brasil, em 07 de setembro de 1958].

FERREZ, Gilberto. *O Rio de Janeiro e a defesa de seu porto: 1555-1800*. 2vol. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação Geral da Marinha, 1972.

FORTES, Manoel Azevedo. *O engenheiro português: dividido em dous tratados. Tomo Segundo, Que comprehende a fortificação regular, e irregular: o ataque, e defesa das praças; e no Appendice o uso das armas de guerra*. Lisboa Occidental: Officina de Manoel Fernandes da Costa, Impressor do Santo Officio, 1729.

FRAGOSO, Augusto Tasso. *Os franceses no Rio de Janeiro*. 3ª edição, revista, acrescida e anotada por Antônio de Souza Júnior. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2004.

FRANCISQUE-MICHEL, R.[oland]. *Les Portugais en France, les Français en Portugal*. Paris: Guillard, Aillaud & C^{ie}, 1882.

[GALWAY, Earl of, Henry de Massüe, Marquis de Ruigny.] *La Conduite du Comte de Galloway en Espagne et en Portugal*. Traduite de l'Anglois. Rotterdam: Chez Fritsch et Böhm, 1711.

GLOZIER, Matthew. *The Huguenot Soldiers of William of Orange and the "Glorious Revolution" of 1688: the Lions of Judah*. Portland: Sussex Academic Press, 2002.

GUERREIRO, Jacinto Salvador. A diocese de Beja no final do século XIX: A intervenção de D. António Xavier de Sou-

sa Monteiro. *Lusitania Sacra*, 2ª série, 8-9, 1996/1997, p. 35-169.

LA BARBINAIS, Le Gentil de. *Nouveau voyage au tour du monde*. Enrichi de plusieurs Plans, Vûes & Perspectives des principales Villes & Ports du Pérou, Chily, Bresil, & de la Chine. Avec Une Description de l'Empire de la Chine... Tomo III. Amsterdam: Pierre Mortier, 1728.

LEE, Grace Lawless. *The Huguenot Settlements in Ireland*. 4th ed. Bowie: Heritage Books, 2001.

MARTELO, David. *Chefes militares estrangeiros nos mais altos postos das Forças Armadas de Portugal: Aspectos específicos no contexto europeu*. Comunicação apresentada ao XXI Colóquio de História Militar da Comissão Portuguesa de História Militar, Novembro de 2012. Disponível em <http://www.aofa.pt/artigos/David_Martelo_Oficiais_Estrangeiros_nas_FA_Portuguesas.pdf>

M. D. L. C. D. B. [François-Alexandre Aubert de La Chesnaye Des Bois]. *Dictionnaire Militaire, portatif, contenant tous les termes propres a la guerre; sur ce qui regarde la Tactique, le Génie, l'Artillerie, la Subsistance, la Discipline des troupes, et la Marine ...* Vol I. 4^e ed. rev. et corr. Paris: Gisse; la Veuve Bordelet; la Veuve David; Duchesne, 1758.

MIRANDA, Jorge. Liberdade Religiosa, Igrejas e Estado em Portugal. *Nação e Defesa*, 39, Lisboa, Julho-Setembro de 1986, p. 118-136.

MOREAU, Filipe Eduardo. *Arquitetura militar em Salvador da Bahia séculos XVI a XVIII*. Tese (Doutorado), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

MORI, Victor Hugo. Mapa das Fortificações da Baixada Santista. In: MORI, Victor Hugo; LEMOS, Carlos A. Cerqueira; CASTRO, Adler Homero F.[onseca] de. *Arquitetura militar: um panorama histórico a partir do Porto de Santos*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, Fundação Cultural do Exército Brasileiro, 2003. p. 79-84.

OLIVEIRA, Mário Mendonça de. *As fortificações de Salvador quando cabeça do Brasil*. Salvador: Fundação Gregório de Matos, 2004.

OLIVEIRA, Mário de Mendonça. A defesa da Baía de Todos os Santos. In: CAROSO, Carlos, TAVARES, Fátima, PEREIRA, Cláudio (org.) *Baía de Todos os Santos: aspectos humanos*. Salvador: EDUFBA, 2011. p. 129-202.

PASSOS, Alexandre. *O Rio de Janeiro no tempo do "onça" (século XVI ao XVIII)*. [2. ed]. Rio de Janeiro: Liv. S. José, 1962.

PESSÔA, José, BICALHO, Maria Fernanda. Rio de Janeiro. In: PESSÔA, José; PICCINATO, Giorgio. *Atlas de centros históricos do Brasil*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007. p. 36-45.

PORTER, Whitworth. *History of the Corps of Royal Engineers*. London: Longmans, Green, and Co, V. 1, 1889.

RAMIZ GALVÃO, B.[enjamin] F[ranklin]. (org.). *Catalogo da Exposição de Historia do Brazil realizada pela Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro a 2 de dezembro de 1881*. Rio de Janeiro: Typ. de G. Lauzinger & Filhos, 1881.

REDINGTON, Joseph (ed). *Calendar of Treasury Papers, 1702-1707, preserved in Her Majesty's Public Record Office*. [V. III]. London: Longman & CO., and Trubner & Co., 1874.

SAINT-ALLAIS, [Nicolas Vitton] de. *Nobiliaire universel de France, ou Recueil général des généalogies historiques des maisons nobles de ce royaume*. T. 12. Reinprimé. Paris: Librairie Ancienne et Moderne, 1876.

SANTOS, H.[orácio] Madureira [dos]. *Catálogo dos decretos do extinto Conselho de Guerra na parte não publicada pelo general Cláudio de Chaby: Reinado de D. João V a D. José I (1ª parte: de Agosto de 1750 a Dezembro de 1758), vol. II*. Lisboa: Gráfica Santelmo, 1959.

SANTOS, H.[orácio] Madureira [dos]. *Catálogo dos decretos do extinto Conselho de Guerra na parte não publicada pelo general Cláudio de Chaby: Reinado de D. Maria I (1ª parte: de Março de 1777 a Dezembro de 1793), vol. IV*. Lisboa: Tip. Minerva, 1963.

SCOTT, Brian G. The deployment of mortars in Ireland up to the 1689 Siege of Londonderry. *Ulster Journal of Archaeology*, 73, 2015-16, 204-218.

SEPULVEDA, Christovam Ayres de Magalhães. *História Orgânica e Política do Exército Português - Provas - História da Engenharia Militar Portuguesa - Volume XIV - História da Engenharia Militar Portuguesa - VI - Engenheiros Franceses ao serviço de Portugal*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1926.

SEQUEIRA, G.[ustavo] de Matos. *Depois do Terremoto: subsídios para a história dos bairros ocidentais de Lisboa, v. III*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1922.

SHAW, William A.; SLINGSBY, F H. Warrant Books: August 1715, 11-20. In: SHAW, William A., SLINGSBY, F H. (eds) *Calendar of Treasury Books, Volume 29, 1714-1715*. London: Her Majesty's Stationery Office, 1957. p. 671-693.

SILVA, Deonísio da. *De onde vem as palavras: origens e curiosidades da língua portuguesa*. 17. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Lexikon, 2014.

SILVEIRA, António Henriques da. Memórias analíticas da vila de Estremoz. Transcritas por Teresa Fonseca. In FONSECA, Teresa. *António Henriques da Silveira e as "Memórias analíticas da vila de Estremoz"*. Lisboa, Colibri, 2003. p. 107-296.

SMILES, Samuel. *The Huguenots: their settlements, churches, and industries in England and Ireland, with an appendix relating to The Huguenots in America*. New York: Harper & Brothers, Publishers, 1868.

SMITH, Robert C.[hester]. *Arquitetura colonial baiana: alguns aspectos de sua história*. [2ª ed.]. Salvador: EDUFBA, 2010.

SOLOMON, Marlon [Jeison]. Segurança do território e segurança da população. *Proj. História*, São Paulo, 27, p. 147-165, jul-dez, 2003.

SOUSA, Antonio Caetano de. *História genealógica da Casa Real Portuguesa, desde a sua origem até o presente, com as famílias ilustres, que procedem dos Reis, e dos Sereníssimos Duques de Bragança. Justificada com instrumentos, e escritores de inviolável fé....* Lisboa: Regia Officina Sylviana, e da Academia Real, Tomo VIII, 1741.

[VILHENA, Luiz dos Santos]. *Colecção de Plantas geograficas Ydrograficas, Planos e Prospectos. Relativos a algumas das Cartas de Noticias Soteropolitanas e Brasilicas A que precede huma breve analysis Critica sobre a Origem das mesmas Plantas*. [Salvador]: 1801. Manuscrito. Disponível em <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1304801_34/mss1304801_34.pdf>

VITERBO, [Francisco Marques de] Souza (coord.). *Diccionario Historico e Documental dos Architectos, Engenheiros e Constructores Portuguezes ou a serviço de Portugal. Vol. I A-G*. [1ª ed.]. Lisboa: Imprensa Nacional, 1899.

VITERBO, [Francisco Marques de] Souza (coord.). *Diccionario Historico e Documental dos Architectos, Engenheiros e Constructores Portuguezes ou a serviço de Portugal. Vol. II H-R*. [1ª ed.]. Lisboa: Imprensa Nacional, 1904.

Lista de figuras



Figura 1 – Selo em cera vermelha com as armas do Brigadeiro João Massé, ao lado de sua assinatura, no atestado dos serviços prestado pelo Alferes José de Almada e Mello, datado do Rio de Janeiro, em 13 de maio de 1714. AHU_CU_017-01, Cx. 76, Doc. nº 17629. Acervo do Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa.



Figura 2 – “Planta da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, Com suas Fortificações”. Datas sobrepostas 1712 e 3. Sem marcas de autoria. Papel de trapo, com marcas d’água. Manuscrito. Tinta nanquim, colorido. Com duas escalas gráficas e rosa dos ventos. Dimensões: 87,0 cm (largura) X 57,5 cm (altura). AHU_CARTm_017, D. 1064. Acervo do Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa.

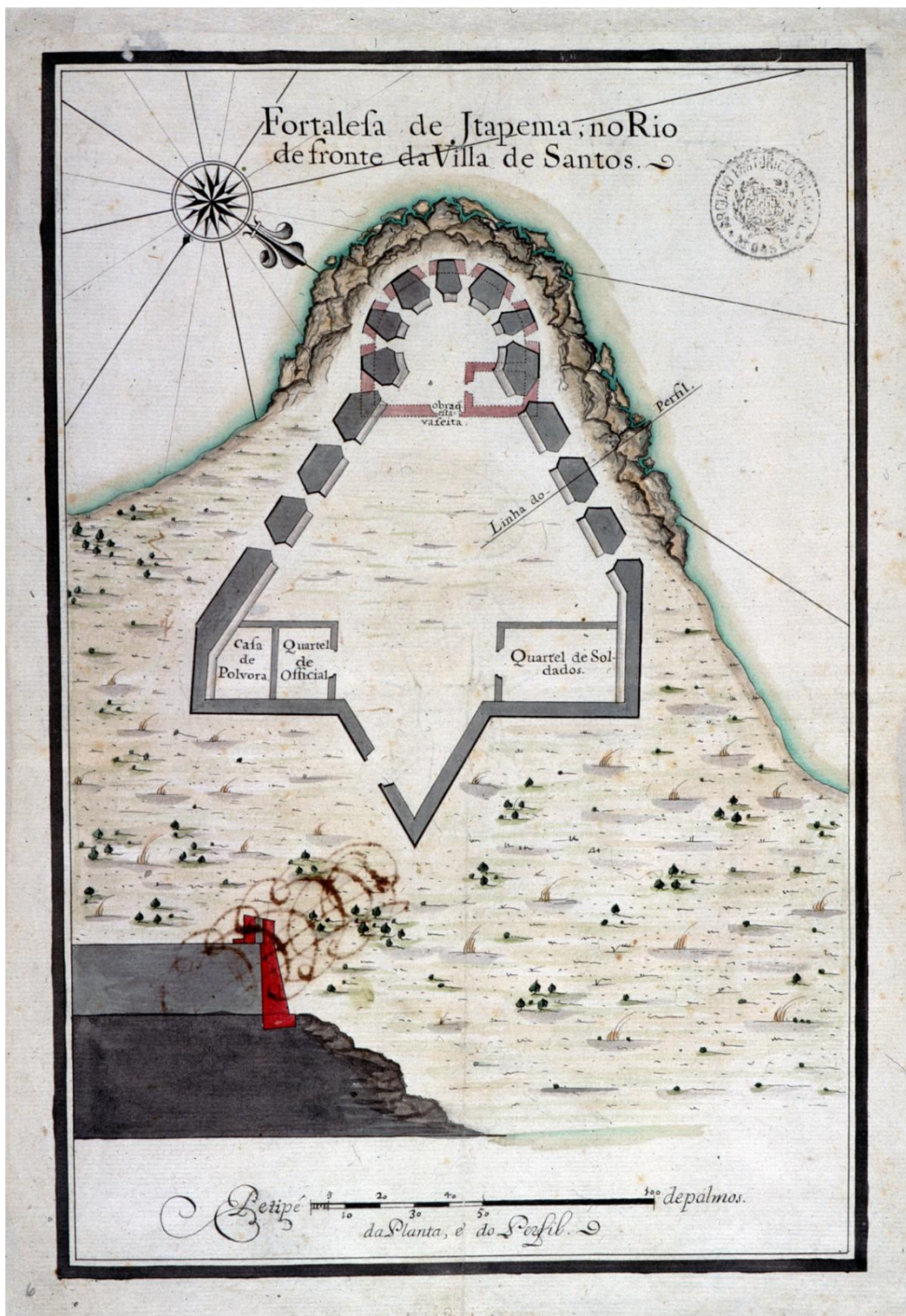


Figura 3 –“Fortalesa de Itapema, no Rio de frente da Villa de Santos [com um perfil]”. Não datada. Sem marcas de autoria. Papel de trapo, com marcas d’água. Intervenção não intencional com tinta ferrogálica sobre parte do perfil e da planta. Manuscrito. Tinta nanquim, colorido. Com escala gráfica e rosa dos ventos. Dimensões: 20,9 cm (largura) x 29,9 cm (altura). AHU_CARTm_023, D. 1183. Acervo do Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa.

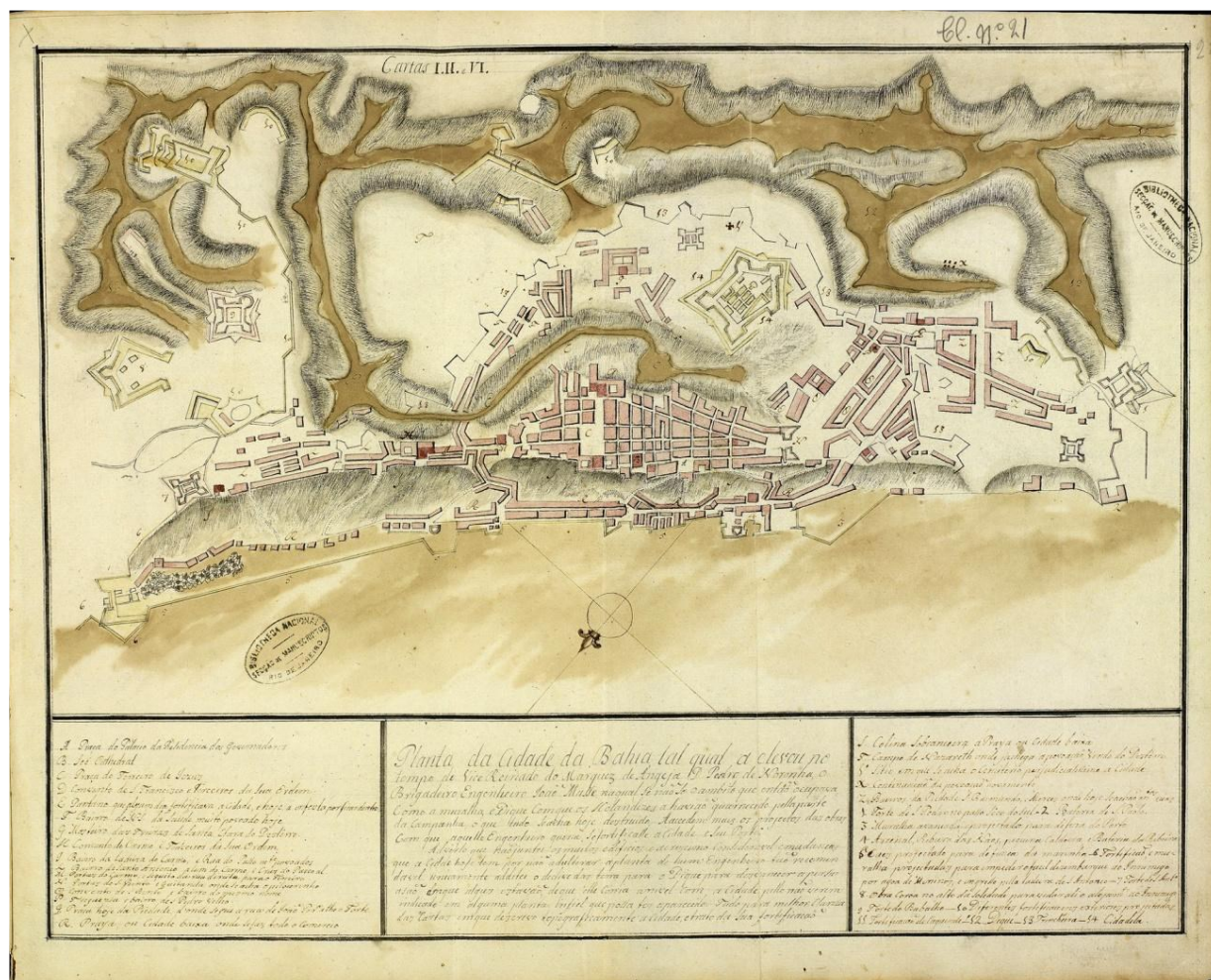


Figura 4 – “[Cartas I. II. e VI] Planta da Cidade da Bahia tal qual a elevou no tempo do Vice Reinado do Marquez de Angeja D. Pedro de Noronha, o Brigadeiro Engenheiro Joaõ Masse, na qual se não So o ambito que entã occupava, Como a muralha, e Dique Com que os Holandeses a haviaõ guarnecido pella parte da Campanha, o que tudo se acha hoje destruido [sic]. Hacedem mais os projecttos das obras com que aquelle Engenheiro queria Se fortificasse a Cidade e Seu Porto”. Não datado. Papel de trapo, com marcas d’água. Manuscrito. Tinta nanquim, colorido. Sem escala e com rosa dos ventos. Dimensões: 40 cm (largura) x 34,2 cm (altura). In: VILHENA (1801). 50,05,014 – Manuscritos, mss1304801_34. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.

